



# criações



**CRIA**  
Centro em Rede  
de Investigação  
em Antropologia



Trabalho de campo realizado em 2009 - Província do Bengo - município de Nambuango Aldeia de Kimuana-Sala, no contexto de Pós-Doutoramento.

# Pessoas

A PARTIR DE UMA ENTREVISTA DE  
CATARINA FIGUEIREDO (CRIA-UC) A  
JORGE VARANDA (CRIA-UC)

MARÇO DE 2023

# Jorge Varanda

ANTROPÓLOGO E PROFESSOR

Jorge Varanda, nascido algures no século XX em Coimbra, licenciou-se em Antropologia na Universidade de Coimbra depois de uma primeira experiência no curso de física. Durante a licenciatura enamorou-se pela vertente social e cultural, em particular pela relação do sociopolítico com saúde/doenças/epidemias. Depois de descobrir a sua paixão decidiu prosseguir a formação académica, mestrado e doutoramento, na University College London, sob a orientação de Murray Last e William Bynum.

“as doenças que estudei não estão no passado pois continuam a afetar populações (...) e que podem ajudar-nos a perceber o presente e futuro”

Aqui concluiu a sua tese de doutoramento intitulada "A Bem da Nação": Medical Science in a Diamond Company in Twentieth-Century Colonial Angola". Atualmente é professor auxiliar no Departamento de Ciências da Vida na Universidade de Coimbra onde dá aulas a estudantes de licenciatura, mestrado e doutoramento, e coordena o Mestrado em Antropologia, Globalização e Alterações Climáticas. Além disso, faz peritagem para a União Europeia para programas European Commission and the European & Developing Countries Clinical Trials Partnership (EDCTP) e Marie-Curie, onde aborda questões éticas, comportamentais e culturais.

Define-se sobretudo como um antropólogo africanista que trabalha sobre Angola e Guiné-Bissau, mas também Portugal. O seu interesse por África foi um acaso, ocorrendo com investigação sobre a doença do sono na Companhia de Diamantes de Angola. O seu percurso, no Doutoramento, pós-doutoramento e trabalho no âmbito do Centro de Investigação em Saúde de Angola (CISA) com a FCGulbenkian/ Instituto Camões, acentuaram o seu interesse pela saúde global. Os seus interesses centram-se na relação entre humanos/natureza e a sua influência na saúde, políticas públicas e respostas das comunidades, emergências virais e one health,



Província do Bengo - município de Nambuangongo Aldeia de Kimuana-Sala. Trabalho de campo (2009).

urbanismo, ajuda humanitária, e alterações climáticas e o digital. Entre os projetos mais desafiantes que trabalhou sublinha três que o marcaram. O primeiro diz respeito ao trabalho realizado no Instituto de Combate e Controlo contra a Tripanossomíase (instituto que trata da Doença do Sono em Angola) (2009-12). Todos os anos várias equipas do instituto seguem para zonas rurais de forma a efetuarem a prospeção da doença e testagens junto das populações, tal leva a um contacto direto com as populações e a observar de perto situações de crise com um grande impacto a nível emocional - "...uma coisa é ler sobre e outra coisa é estar no terreno onde a pobreza é acutilante, as situações de necessidade são extremas. É aí que se compreende o que é o impacto de uma doença negligenciada ou quão difícil será a eliminação, quanto mais erradicação". O segundo consistiu em ajudar a montar o sistema de vigilância de Autopsia Verbal-Centro de Estudo em Saúde de Angola (CISA) (2010):

"Criar um sistema que completa a informação em falta sobre óbitos foi deveras interessante e um dos melhores desafios e experiências que tive. Isto porque, o sistema (de Autopsia Verbal) contribui para a explicar as mortes, que na sua maioria acontece na comunidade, sendo,

pois, central uma atenção particular ao sociocultural no desenho e aplicação de um questionário que é longo e emocionalmente duro."

**“É sempre emocionalmente desgastante fazer trabalho em saúde em contextos em desenvolvimento”**

No último e mais recente projeto, integrou uma equipa de investigação internacional sobre Emergência viral sobre a origem da epidemia de HIV-SIDA (2014-2017). Este projeto reafirmou uma ideia muito repetida pelo investigador, "a íntima relação entre humanos e natureza e o aparecimento de novas doenças é um fenómeno que, como o COVID-19 revelou, não ficou no passado, sendo algo cada vez mais frequente".

Como um projeto sempre em desenvolvimento, o antropólogo acrescenta ainda "motivar alunos para antropologia é um desafio constante". São inúmeros os desafios à pedagogia, desde a relevância das ciências sociais, à motivação para leituras de textos clássicos até à importância da antropologia no mundo de hoje.



Desafios constantes do trabalho de Campo. Província do Bengo - Município do Icolo e Bengo (2009).

A própria particularidade da interdisciplinaridade entre as áreas da Antropologia Biológica e da Antropologia Social e Cultural na Universidade de Coimbra, implica alguns obstáculos, tendo em conta que, em geral, as áreas biológicas revelam-se muito cativantes e as sociais muito trabalhosas. No entanto, tenta sempre inspirar os alunos a “ver a luz” (como costuma dizer de forma jocosa) e convencer os mais jovens do valor das ciências sociais e humanas.

Quanto aos desafios enfrentados durante os trabalhos de campo, destaca o stress emocional no terreno quando confrontado com situações

extremamente difíceis. Por exemplo, aquando do trabalho realizado em 2010 no CISA sobre nutrição em situação de fome, numa região a norte de Caxito, na zona do Tabi:

“Muito duro saber que várias populações não tinham que comer, e verificar os níveis de malnutrição das crianças... saber que voltaria ao final do dia e teria algo com que me alimentar. É sempre emocionalmente desgastante fazer trabalho em saúde em contextos em desenvolvimento, onde as condições de sobrevivência marcam-nos quer seja pela falta de segurança alimentar, habitabilidade ou acesso a qualquer tipo de cuidados de saúde.”



**“Numa sociedade repleta de apps e uma miríade de tecno-fixes, a Antropologia pode funcionar como a bússola orientadora para outras soluções mais eficazes, éticas e sustentáveis”**

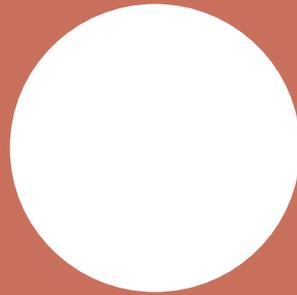


Jorge Varanda em trabalho de campo na Província do Bengo - Município do Icolo e Bengo (2009).

Todos estes anos de investigação e trabalho de terreno permitiram desenvolver um olhar crítico sobre a pandemia COVID-19, o suficiente para ser convidado para falar num documentário de Televisão nacional que foi transmitido na RTP1, onde aprofundou a questão da emergência viral e das epidemias. Apesar de ter estudado doenças no sul global, com o COVID-19 “parecia que estava num re-run de um filme antigo – com narrativas sobre prevenção, contágios, terapias, políticas de saúde pública, os rumores e estigmas, as relações com comunidade, papel do religioso. Estava a viver no cenário que tinha estudado.”

Os seus diversos projetos levam-no a afirmar que as “doenças que estudei não estão no passado pois continuam a afetar populações (...) e que podem ajudar-nos a perceber o presente e futuro”. Desta forma, conclui que a antropologia pode ser decisiva em várias áreas, incluindo, mas não só, na saúde – “Numa sociedade repleta de apps e uma miríade de tecno-fixes, a Antropologia pode funcionar como a bússola orientadora para outras soluções mais eficazes, éticas e sustentáveis”. Na sua opinião, as ciências sociais e humanas (recuperarão) um espaço de destaque a nível societal, trazendo inclusivamente alguma esperança ao mundo.





**CRIAÇÕES É UMA PROPOSTA DE COMUNICAÇÃO DE CIÊNCIA DO CRIA E CONTA COM A COLABORAÇÃO DE CATARINA FIGUEIREDO, DOUGLAS SANTOS, EDUARDA ROVISCO, JOÃO GONÇALVES, VANESSA IGLÉSIAS AMORIM E VERA AZEVEDO.**

**DESIGN: MARIANA CAMACHO**